

"OS CULTURAL STUDIES E O ENSINO DA LITERATURA HOJE"

Jorge Schwartz

Este oportuno evento organizado por José Teixeira Coelho Neto vem ao encontro de algumas dúvidas que têm me assaltado nestes últimos anos frente a avassaladora influência daquilo que se convencionou de denominar de *Cultural Studies*. Longe de ser um *expert* no assunto, minhas observações não estão dirigidas àquilo que os *Cultural Studies* são ou representam, mas aquilo que eles deixam de ser para as necessidades dos estudos de Letras hoje. Em poucas palavras, anteciparei o tema de minha breve exposição: trata-se, na realidade, de uma defesa da literatura, da tradicionalmente considerada boa literatura (sem entrar na discussão do cânone literário) que está perdendo espaço nos cursos de letras de forma agigantada. Minha preocupação encontrou eco num brilhante ensaio de Frank Kermode, a Introdução a *Um apetite pela poesia*.<sup>1</sup> Num dado momento do texto, o crítico inglês, com requintado humor, descreve o cartaz afixado na porta de um laboratório na UCLA que, ao citar uma frase de Jean Rostand: "Les théories passent. Le grenouille reste", *Carnets d'un biologiste*, alertando que no campo da teoria literária pode acontecer o contrário do exemplo das ciências naturais: que as teorias permaneçam e que o verdadeiro objeto, a literatura, simbolizada pela rã, desapareça. Em outras palavras, que o tradicional espaço do objeto literário seja devorado pela(s) teoria(s). Embora esta afirmação sirva para qualquer tendência ideológica, nenhuma satisfação se compara com aquela que encontramos num texto quando suas formulações sustentam as nossas próprias.

A introdução de Frank Kermode dá legitimidade às nossas intuições e respalda os nossos argumentos.

Nos últimos anos tenho reiterado o mesmo comentário ou sugestão durante simpósios ou congressos dedicados a literatura: gostaria de participar de um congresso onde fosse debatido como e o quê ensinar hoje num departamento de letras. Quando leio uma frase como "as pessoas chegam às universidades menos preparadas do que antes para o estudo de quase tudo", não duvido em afirmar que esta frase foi produzida, amadurecida e aplicada ao *habitat* universitário brasileiro. Lêdo engano: esta constatação pertence ao próprio Kermode, crítico literário e professor hoje aposentado de literatura inglesa em nada menos do que Cambridge, e em texto que já data de quase dez anos.

Se eu refizer a minha própria trajetória de estudos literários, devo esclarecer que ela se inicia em fins da década de sessenta, na Universidade Hebraica de Jerusalém. A paixão pela análise do texto literário e a leitura dos clássicos sem medo de separar o joio do trigo, teve início no consagrado Departamento de Inglês daquela Universidade, com o apoio teórico do *New Criticism*. No Depto. de Estudos Latino-Americanos ainda se ouviam ecos da filologia hispânica, se admiravam os trabalhos

<sup>1</sup> Frank Kermode, *Um apetite pela poesia*. São Paulo: Edusp, 1989 (trad. Sebastião Uchoa Leite).

da estilística de Spitzer e de Dámaso e Amado Alonso, e eu me deleitava com *O que é a literatura* de Sartre. Ao voltar a São Paulo em 1970, tropecei com a lingüística de Saussure (eu brincava de Chaussure) e de Roman Jakobson para mergulhar na pós-graduação da Teoria Literária da USP. Por um lado, enfrentei uma plêiade de textos canônicos relativos às relações entre literatura e sociedade (Lukács, Antonio Candido, Lucien Goldman e outros); fora de qualquer categorização, mas com o beneplácito das esquerdas, Auerbach; por outro, lemos com intensidade a crítica do Círculo Lingüístico de Praga e do Formalismo Russo (via Todorov), do estruturalismo de Propp e Lévi-Strauss, da crítica bakhtiniana (via Júlia Kristeva) e da semântica estrutural de Greimas (que encontrou em São José do Rio Preto, Estado de São Paulo, um fiel grupo de seguidores). Era um vale-tudo contra o impressionismo e contra o subjetivismo. O texto decolava agora rumo à autonomia, em que era abolido o acaso mallarmeano da palavra "autor" ou "intenção autoral" para dar lugar à certeza absoluta do sujeito da enunciação. Quando finalmente conseguimos fazer do texto literário uma abstração aristotélica cuja harmonia pitagórica vinha enriquecida por fórmulas e gráficos, surge com intensidade a Semiótica, especialmente a da linha de Peirce que encontrou na PUC de São Paulo um verdadeiro bastião com dedicados, para não dizer, fanáticos acólitos. Tudo agora estava convertido em signo e, borgiaamente, começa a recuperar espaço o leitor. Daí à crítica da recepção de Jauss ou à utilização da obra aberta de Eco foi só um passo. Com a semiótica, a interdisciplinaridade também começou a se beneficiar. Apesar da vocação mimética, e talvez por decurso de prazo, o Brasil (ou para ser mais preciso, a USP) pouco se beneficiou do desconstrucionismo de Yale. Paul de Man, Hillis Miller e Derrida, entre outros, não constam, salvo exceções dos cânones bibliográficos da Teoria Literária de minha Universidade. O imaculado horizonte da perfeição e do equilíbrio do texto autônomo começa a ser minado novamente pelo subjetivismo da leitura. A retomada do significado torna-se uma urgência e começam a proliferar as teorias conteudísticas, mascaradas agora pelos ideologemas. Por um lado, a forte tendência dos estudos interdisciplinares como literatura/história ou literatura e psicanálise; e é retomada a defesa do cânone literário, especialmente através de Harold Bloom e do seu divulgador no Brasil, Arthur Nastrovski. Proliferam e começam a se converter em palavras de ordem as assim denominadas minorias ou gêneros alternativos: a crítica feminista, os "gender studies", os "gay and lesbian studies" e os mais recentes "queer studies", os estudos afro-qualquer outra nacionalidade, a literatura de fronteiras, a literatura de imigração, a literatura chicana, os textos fundacionais das nações e agora as literaturas caracterizadas pela região: a literatura andina e a literatura do amazonas (onde não fica excluída a questão ecológica); com a crise do subjetivismo e a penetração das e nas "vidas privadas", ganham fôlego a biografia e a auto-biografia. A substituição do objetivismo universal instituído pelo "nós", dá margem às experiências da escritura criativa, resuscitada na forma do "eu". Enfim, uma panacéia de correntes que levou ao amadurecido Frank Kermode a uma defesa da literariedade, com a qual nos solidarizamos. Esta diversidade de

1970

2 historicidade dos textos no momento de recepção

o que se encontra na obra de Jauss

o que se encontra na obra de Eco

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

31

32

33

34

35

36

37

38

39

40

41

42

43

44

45

46

47

48

49

50

51

52

53

54

55

56

57

58

59

60

61

62

63

64

65

66

67

68

69

70

71

72

73

74

75

76

77

78

79

80

81

82

83

84

85

86

87

88

89

90

91

92

93

94

95

96

97

98

99

100

101

102

103

104

105

106

107

108

109

110

111

112

113

114

115

116

117

118

119

120

121

122

123

124

125

126

127

128

129

130

131

132

133

134

135

136

137

138

139

140

141

142

143

144

145

146

147

148

149

150

151

152

153

154

155

156

157

158

159

160

161

162

163

164

165

166

167

168

169

170

171

172

173

174

175

176

177

178

179

180

181

182

183

184

185

186

187

188

189

190

191

192

193

194

195

196

197

198

199

200

201

202

203

204

205

206

207

208

209

210

211

212

213

214

215

216

217

218

219

220

221

222

223

224

225

226

227

228

229

230

231

232

233

234

235

236

237

238

239

240

241

242

243

244

245

246

247

248

249

250

251

252

253

254

255

256

257

258

259

260

261

262

263

264

265

266

267

268

269

270

271

272

273

274

275

276

277

278

279

280

281

282

283

284

285

286

287

288

289

290

291

29

correntes chegam às vezes ao fanatismo teórico, subordinando o texto literário à crítica e tornando-o no mais das vezes prescindível. E como bem diz o crítico inglês, é como se houvesse um movimento abolicionista estético e como se a literatura devesse servir às necessidades da Teoria e não o contrário.

Três anos antes do ensaio de Kermode, Roberto Schwarz, no conhecido artigo "Nacional por subtração" historiciza sua própria experiência:<sup>2</sup>

*Como estamos entre estudantes de Letras, vejamos algo da questão em nosso campo. Nos vinte anos em que tenho dado aula de literatura assisti ao trânsito da crítica por impressionismo, historiografia positivista, new criticism americano, estilística, marxismo, fenomenologia, estruturalismo, pós-estruturalismo e agora teorias da recepção. A lista é impressionante e atesta o esforço de atualização e desprovincianização em nossa universidade. Mas é fácil observar que só raramente a passagem de uma escola a outra corresponde, como seria de esperar, ao esgotamento de um projeto; no geral ela se deve ao prestígio americano ou europeu da doutrina seguinte. Resulta da impressão - decepcionante - da mudança sem necessidade interna, e por isso mesmo sem proveito. O gosto pela novidade terminológica e doutrinária prevalece sobre o trabalho do conhecimento, e constitui outro exemplo, agora no plano acadêmico, do caráter imitativo de nossa vida cultural.*

Roberto Schwarz sujeita sua interpretação à condição colonial e periférica próprias a um país terceiro-mundista. Mas também me pergunto: se estas correntes, segundo Schwarz, não são válidas por não corresponderem a um movimento genuíno de dentro para fora, pois representam tendências importadas, será que no local em que foram produzidas, ou seja, no epicentro de produção, elas têm maior validade?

Não é isto o que parece ser, pelas perplexidades de Frank Kermode e pelo depoimento de um dos fundadores dos "Cultural Studies", Stuart Hall. Em artigo de 1992, o estudioso inglês faz uma retrospectiva do movimento e também passa a explicitar a crise atual. O "Center for Contemporary Cultural Studies" foi fundado em meados dos anos 50, junto a Raymond Williams e Richard Hoggard, em Birmingham. Era um grupo marxista, vindo da New Left, num momento em que o marxismo começava a ser criticado a partir da invasão russa em Budapeste. Gramscianos no modo de operar ("o intelectual orgânico"), eles pressupunham uma reflexão que em última instância devia vincular-se ao social, a fim de modificá-lo. Ou seja, um projeto que imbricasse a reflexão intelectual à prática política. Posteriormente teve entrada nesse grupo a crítica feminista e as questões da raça. O

<sup>2</sup> Roberto Schwartz, *Que horas são?*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 30.

que desviou os caminhos do Centro tem a ver com as nossas preocupações e cito o próprio autor:<sup>3</sup>

O que com certeza descentrou e deslocou a trajetória estabelecida pelo Centro de Estudos Culturais Cotemporâneos, e os estudos culturais britânicos em geral, é aquilo que as vezes é denominado de "a virada da lingüística": a descoberta da discursividade, da textualidade.

Acreditamos que foi naquele momento que a literatura passa a imigrar para o campo dos estudos culturais, ou vice-versa, especialmente nos Estados Unidos. Este movimento não representa apenas a interferência de uma área na outra, mas a instalação destes estudos na Academia norte-americana. O autor tem uma reação no mínimo ambígua: a surpresa pela explosão dos estudos culturais e o medo decorrente do perigo da institucionalização de uma esfera do conhecimento e da prática política que pretendia inicialmente manter-se à margem das instituições. Pior ainda, o autor constata o esvaziamento das propostas iniciais:

há uma dúvida constante (nagging) que esta avassaladora textualização dos próprios discursos dos estudos culturais leva a conceber: a política e o poder como assuntos exclusivos da linguagem e da própria textualidade.

O Autor, ao ver deturpada a finalidade inicial dos Cultural Studies, é levado finalmente a estabelecer uma diferença ao meu ver fundamental entre o "trabalho intelectual" e o "trabalho acadêmico". O primeiro, distante das instituições e com capacidade de se vincular ao social com a finalidade de modificá-lo de alguma forma (no fundo, exercer o papel do "intelectual orgânico" de Gramsci). O último, a entronização dos estudos culturais na Academia, que acaba fatalmente congelando as possibilidades de um trabalho político e convertendo os meios em verdadeiros fins para justificar as necessidades da própria vida acadêmica (curricula, políticas de emprego, novas esferas de poder dentro da própria academia).

Faz anos que eu também tento esclarecer as minhas próprias dúvidas, fazendo uma distinção entre os "professores de esquerda" e os "indivíduos de esquerda". A falsa consciência fica amenizada na produção acadêmica quando o docente baseia suas análises no pensamento de Antonio Candido e/ou do Roberto Schwarz ou no de Marx, Hegel, Walter Benjamin ou Adorno. Só que a militância se esgota exatamente na experiência da sala de aula ou na página escrita. Em paz com a própria consciência, nada disto tem a ver com a experiência imediata. Diferente do intelectual que de alguma forma tem atuação política: seja em associações docentes (que nos dizem respeito), seja em sindicatos ou instituições dedicadas às causas sociais mais diversas. Para mim, o exemplo mais próximo deste tipo de intelectual esteve sempre encarnado na figura de Florestan

<sup>3</sup> Stuart Hall, "Cultural Studies and its Theoretical Legacies", em Grossberg, Nelson Treichler (ed.). Cultural Studies. Nova York-Londres: Routledge, 1992, pp. 277-286.

6. *aproximadamente 21 referências políticas em o histórico*  
*(mas se o trabalho real de estudos culturais é sobre a política...)*  
*política... (mais distante)*

Fernandes. A politização teórica da crítica literária ameniza o malestar das consciências intranquílias pois nos converte, pelo menos no nível oral, em um ser cuja participação se esgota no verbo. Isto, para não falar do esvaziamento do fenômeno especificamente literário.

Mais ainda, tenho que levar em conta que eu sou responsável pelo ensino de uma literatura estrangeira, por mais próxima que a América Hispânica (ou América Latina, como gostam de denominá-la os brasileiros) possa estar do Brasil. A título de exemplo, não vejo por quê destacar os tradicionais textos considerados feministas de Sor Juana Inés de la Cruz (a mais importante escritora do continente americano do século XVII) ou analisá-la sob a perspectiva da mulher oprimida pelo clero branco, machista e falocrático da sociedade colonial. Mesmo que isto seja importante para a compreensão do universo pessoal e literário de Sor Juana, acho que o verdadeiro desafio está na compreensão estética de um poema como *Primero Sueño*, obra prima da poesia barroca latino-americana. As questões da política cultural de Sor Juana os alunos poderão ter acesso em qualquer manual ou biografia: o que dificilmente terão ocasião de fazer é penetrar o texto literário, ou seja, a experiência estética que lhe dá grandeza ao seu pensamento. Por outro lado, é evidente que não podemos tratar os códices pré-colombianos como se fossem ideogramas desvinculados da série histórica, ou analisar as crônicas da conquista sem mergulhar no universo da história.

Gostaria aqui de reproduzir e me solidarizar com as palavras de Northrop Frye recuperadas por Helen Vendler, num feroz artigo/resenha contra oito livros "feministas":<sup>4</sup>

Northrop Frye disse uma vez que ele não acreditava em nenhuma das formas de dividir a literatura em títulos temáticos - escrita feminina, escrita gay, escrita negra e assim por diante. A literatura faz o seu próprio universo verbal e suas fundamentais estruturas de organização não são documentais(?), temáticas ou ideológicas. A passagem do documentário para o simbólico, do temático para o sintático é a tarefa da arte. Desprezar suas mais fundamentais transformações é prestar poucos serviços(?). Talvez seja por isso que livros amarrados pelas cercas temáticas - religião, política, mulheres, persone sexual - são geralmente redutivos dos gêneros que eles tratam.

Para concluir, gostaria apenas de mencionar que muito recentemente os diversos departamentos de letras desta universidade pensaram exaustivamente num novo currículo para os alunos da graduação, uma vez que o último se mantém por mais de vinte anos. Sem entrar nos detalhes, mas sem deixar de observar que a Pró-Reitoria de Graduação o rejeitou *in totum*, a tendência geral é a de tentar flexibilizar mais as opções de carreira (nos moldes de uma "major" e uma "minor"), ampliar os conhecimentos básicos, de forma a ter um primeiro ano em que Linguística, Teoria Literária, Filosofia e Grego seriam matérias

<sup>4</sup> Helen Vendler, "Feminism and Literature", em *The New York Review of Books*. 31 da meio de 1990, p. 25.

Teoria e crítica literária  
estética da história  
frente a evolução  
desvinculados  
do contexto  
histórico (biográfico  
e...)  
que não se pode  
ver apenas  
a história.

uma proposta de Gramsci  
(...)  
cultural  
clássica  
estética

obrigatórias, diminuição da carga horária de certas disciplinas para permitir maior tempo de leitura e menos tempo na sala de aula, maior leque de opções nas matérias optativas de forma a estimular a interdisciplinariedade, instigar a prática da leitura e da pesquisa e, em última instância, oferecer um curso para a "formação de cidadãos de elevada capacidade crítica, conscientes de suas possibilidades de terem acesso ao conhecimento e de produzi-lo".<sup>5</sup>

Acredito que se conseguirmos recuperar o hábito e o gosto pelo texto literário, cada vez mais escasso no meio estudantil, se conseguirmos resgatar a palavra escrita em detrimento da avassaladora força da cultura visual do mundo globalizado, e se conseguirmos entender que boa parte das novas correntes teóricas e críticas aqui elencadas podem se transformar em excelentes instrumentos para a análise do fenômeno estético e nunca num fim em si mesmo, então poderemos entender melhor o fenômeno literário e fazer da interpretação um exercício intelectual capaz de colocar-nos em dia com o mundo e com os tempos que estamos vivendo.

---

<sup>5</sup> "Projeto para a Carreira de Letras", organizado pela Comissão Acadêmica do Centro Interdepartamental de Letras e Linguística.